

MUNDO FANTÁSTICO

AO DOBRAR O COTOVELO DE UMA ESTRADA

Carlos Fiolhais

- ▶ *A Cartilha Maternal*, João de Deus
- ▶ *O Clube dos Rapazes*, Michel Bourguignon
- ▶ *Novelas Históricas Portuguesas*, VVAA
- ▶ *O Átomo*, Sir George Thomson
- ▶ *História do Átomo*, Rómulo de Carvalho

Contam-me os meus pais, porque eu não me lembro bem, que aprendi a ler pelos quatro anos, portanto antes de entrar na primeira classe na Escola da Voz do Operário, na Ajuda (nesse tempo não se usava jardim-escola), juntando letras dos títulos dos jornais. Na altura os dois jornais mais importantes eram *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, com as histórias aos quadradinhos do Príncipe Valente, e *O Século*, de Lisboa, que tinha o suplemento infantil Pim-Pam-Pum. Eles foram, sem o saberem, a minha cartilha e é talvez por isso que, hoje em dia, não posso passar sem, pelo menos, dois jornais diários.

Mas qual foi o meu primeiro livro? Que me lembre - e como a memória de infância é fugidia! - foi precisamente *A Cartilha Maternal* do poeta João de Deus que o meu pai me pôs nas mãos para ajudar a juntar melhor as letras. Fui agora procurá-la na Internet e a edição digital que a Biblioteca Nacional de Portugal disponibiliza é bem mais antiga do que a minha edição pois a Cartilha remonta a 1876. Mas o método continua o mesmo - "a-e-i-o-u", na primeira lição, "v-vá -vai-vi-via-viu" - na segunda lição e por aí fora até à décima quinta lição sobre as difíceis palavras esdrúxulas, como "relâmpagos", "alfândega" e "telégrafo" (talvez tenha então reparado que a própria palavra "esdrúxula" é esdrúxula!). Como bónus para quem já sabia ler havia no final um poema de inspiração bíblica do autor, no final - "Hino de Amor" - , com a divisão silábica (outra esdrúxula) bem marcada:

"Andava um dia / Em pequenino / Nos arredores / De Nazaré, / Em companhia / De São José (...)"

Agora que o releio, reparo que sei essa afinal essa parte de cor, a memória não está assim tão arredia.

Bem, mas isso não é um livro de ficção (ou melhor, talvez o poema o seja, pois não é toda a poesia ficção?). Qual foi? Não me lembro bem, na altura não se usavam os belos livros infantis ilustrados que há hoje, senão havia de me lembrar. Mas, se por livros valem as colecções de cromos, então tenho de referir um álbum da Bela Adormecida, o conto de fadas de Perrault que os estúdios Disney passaram a filme em 1955, um ano antes de eu nascer, e outro de História Natural, este com alguns bichos de fealdade evidente.

Não havia muitos livros em minha casa. Talvez, o primeiro livro meu, mesmo meu, porque mo deram pelos anos, tenha sido *O Clube dos Rapazes*, de Michel Bourguignon, que recebi quando andava num dos últimos anos da Escola Primária de Santo António dos Olivais, já em Coimbra. A editora era a Portugália que entretanto faleceu e agora está, aleluia, a ressuscitar. A colecção em que estava integrado intitulava-se muito adequadamente “Biblioteca dos Rapazes”. Era uma história sobre três rapazes que resolviam montar e lançar um foguetão e o rapaz que era eu começava aí, com uma aventura espacial, a sua biblioteca. Consultada a Biblioteca Nacional e também o sítio “Rol de Livros” da Fundação Gulbenkian, ela informa que a edição em causa é de 1964, pelo que, se não o recebi nesse ano, recebi-o num dos anos seguintes, tinha eu portanto oito ou nove anos. Entretanto o livro desapareceu, mas recuperei-o muito mais tarde num alfarrabista. Lembro-me também de, noutra aniversário mais tarde, ter recebido a obra *Novelas Históricas Portuguesas*, esta publicada em 1965, uma antologia de contos sobre a história de Portugal do prelo da Editorial Estúdios Cor, onde encontrei pela primeira vez Alexandre Herculano com a sua violenta história do “Bispo Negro”, localizada na Coimbra do século XII, por alturas da independência nacional (D. Afonso Henriques revolta-se com a Santa Sé, ameaçando com a sua espada o bispo que representava o papa; tenho dúvidas que esta cena fosse para a minha idade). Começava assim:

“Houve tempo em que a velha catedral conimbricense, hoje abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tisonadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.”

Nessa altura já tinha apanhado o vírus da leitura. Acho que foi aí, que comecei a gostar de literatura!

Falta falar de livros de ciência. Quanto ao meu primeiro livro de ciência, comprei-o eu por trinta escudos (um dinheirão, muito mais do que os quinze cêntimos que seria o equivalente moderno), quando já cursava os primeiros anos do então denominado Liceu Normal de D. João III, hoje Escola Secundária de José Falcão. O volume que guardo, que tem data de 1964, intitula-se *O Átomo*, é o número 19 da série especial da prestigiada colecção “Saber” das Publicações Europa-América. O seu autor é um dos físicos mais notáveis do século XX, Sir George Thomson, anunciado com pompa e circunstância na página do rosto como “Prémio Nobel e Lente da Universidade de Cambridge”. Foi, de facto, Prémio Nobel em 1937, 31 anos depois do pai, Joseph John Thomson, ter recebido o mesmo prémio. O

conflito de gerações (“generation gap”) pode ser exemplificado por esta família inglesa, em que o pai disse que o electrão é uma partícula e o filho, contrariando-o, afirmou que o electrão é uma onda. Que tinham os dois razão é o mistério da física quântica que tão bem explica os átomos. O livro intitulava-se no original, saído em 1955, *The Atom and The Foreseeable Future*, e começava assim:

“O conceito fundamental da teoria atómica diz-nos que os objectos são, em última análise, constituídos por um grande número de pequenas partículas (...) Isto opõe-se à doutrina de que os corpos podem ser divididos indefinidamente, mesmo teoricamente [o acento grave no advérbio usava-se na época, perdeu-se, mas não é grave].”

Esta história de haver partículas finais e de não se poder dividir a matéria tanto quanto se queira parecia-me ainda mais interessante do que a aventura do bispo. Foi assim que me comecei a interessar pelo átomo. Mas, como o futuro é imprevisível, não podia nessa época adivinhar que haveria, bastante mais tarde, de ser físico e de me dedicar aos átomos. Mas, para isso, tive de ler muitos mais livros, tanto na biblioteca do liceu como também e sobretudo na Biblioteca Municipal de Coimbra, entre os quais (os outros, muitos e bons, que me perdoem a injusta omissão) a *História do Átomo*, do grande professor de Física e Química que foi Rómulo de Carvalho, também conhecido, como poeta, por António Gedeão. A primeira edição tinha saído em Coimbra também em 1955, na falecida (esta de vez, parece) Atlântida Editora. Li sobressaltado o segundo parágrafo que releio agora:

“O átomo começou por ser uma hipótese, uma suposição simplesmente cómoda para tornar mais fiel a interpretação do Universo, e acabou por ser um “objecto”, uma “coisa” que se pode dirigir, dominar, criar, destruir. Foi como se alguém tivesse sonhado com um mundo fantástico e um dia o descobrisse, vivo e real, ao dobrar o cotovelo de uma estrada. Certamente ninguém acredita na existência das coloridas paisagens que o génio de Walt Disney tem imaginado e seria bem tolo aquele que percorresse o mundo na esperança de as encontrar. E se as encontrássemos, um dia, noutra planeta? Assim aconteceu com o átomo: nasceu na imaginação e, afinal, existia”.

“Mundo fantástico” e “cotovelo de uma estrada”? Era por essa estrada que eu queria ir... ■



Carlos Fiolhais (Lisboa, 1956) licenciou-se em Física na Universidade de Coimbra em 1978 e doutorou-se em Física Teórica na Universidade Goethe, em Frankfurt/Main, Alemanha, em 1982. É Professor Catedrático no Departamento de Física da Universidade de Coimbra desde 2000. Foi professor convidado em universidades de Portugal, Brasil e Estados Unidos.

Publicou 35 livros: as obras de divulgação científica “Física Divertida” (este um best-seller, com 18000 exemplares vendidos até agora, nas 6 edições), “Computadores, Universo e Tudo o Resto”, “A Coisa Mais Preciosa que Temos”, e “Curiosidade Apaixonada”, na Gradiva; série de livros de ciência infantil “Ciência a Brincar”, na Bizâncio; vários manuais escolares de Física e Química desde o 8.o ao 12.o ano, na Texto Editora, na Gradiva, e na Didáctica; “Roteiro de Ciência e Tecnologia”, na Ulmeiro; o manual universitário “Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio”, na Gulbenkian; etc. É autor de cem artigos científicos em revistas internacionais (um dos quais com mais de 4000 citações) e de mais de 400 artigos pedagógicos e de divulgação.

Os seus interesses científicos centram-se na Física Computacional da Matéria Condensada e no Ensino e História das Ciências. Foi fundador e Director do Centro de Física Computacional da Universidade de Coimbra, onde procedeu à instalação do que é o maior computador português para cálculo científico (“Centopeia”, um sistema paralelo de cem máquinas, a que se seguiu a “Milipeia”, um supercomputador com 520 nós).

Dirige a revista *Gazeta de Física*, da Sociedade Portuguesa de Física e é membro da comissão editorial das revistas *Europhysics News* e *European Journal of Physics*, da Sociedade Europeia de Física, e *Física na Escola* e *Revista Brasileira do Ensino da Física*, da Sociedade Brasileira de Física.

É cronista do jornal *Público* e Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde tem concretizado vários projectos relativos ao livro e à cultura.